

**Análise das influências e contribuições de John
Tribe para a teoria do turismo**
**Analysis of John Tribe influences
and contributions to the theory of tourism**

Ana Catarina Alves Coutinho

Mestre em Turismo, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Natal/RN,
Brasil

Email: coutinho.catarina1@gmail.com

Maria Augusta Wanderley Seabra de Melo

Mestre em Turismo, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Natal/RN,
Brasil

Email: gutawanderley@hotmail.com

Artigo recebido em: 19-04-2015

Artigo aprovado em: 16-06-2015

RESUMO

No intuito de colaborar com as discussões acadêmicas para a teorização do turismo, analisaram-se as principais influências e contribuições para a teoria do turismo feitas por John Tribe, pesquisador do turismo que já publicou diversos livros e artigos indexados na área. Além disso, Tribe é autor de um modelo de criação do conhecimento em turismo amplamente difundido na Europa e demais continentes do mundo. Dessa forma, a investigação se caracteriza como qualitativa, utilizando o procedimento descritivo-exploratório por meio das seguintes técnicas: pesquisa bibliográfica, eletrônica e entrevista aprofundada. O conteúdo advindo da coleta de dados foi interpretado a partir da análise de conteúdo. Entende-se que, embora sejam sugeridos aperfeiçoamentos à teoria de Tribe por diversos autores da área, especialmente visando corrigir certas limitações no seu modelo de produção do conhecimento em turismo, a obra de Tribe mantém-se como referência fundamental em epistemologia e educação em turismo.

Palavras-chave: Teoria do Turismo. Epistemologia do Turismo. Educação em Turismo. John Tribe. Interdisciplinaridade.

ABSTRACT

In order to cooperate with academic discussions for a tourism theorization, this paper investigates the main influences and contributions to the theory of tourism by author John Tribe, which has published many books and article indexed in the area, in addition to being the author of a model of knowledge creation in tourism widespread in Europe and other continents of the world. In this way, the object of this article is qualitative, using the descriptive exploratory methodological procedure through the following techniques: literature review, electronic research and depth interview. The content arising from the collection of data was interpreted from the content analysis. It is understood that, although suggested improvements to the theory of John Tribe by several authors in the area, especially in order to correct certain limitations in his model of knowledge creation in tourism, Tribes' work remains a fundamental reference in epistemology and tourism education.

Keywords: Theory of Tourism. Epistemology of Tourism. Tourism Education. John Tribe. Interdisciplinarity

1. INTRODUÇÃO

A preocupação com a teoria do turismo tem sido revelada por poucos pesquisadores no âmbito mundial, o que se pode constatar pela restrita quantidade de obras literárias ou textos publicados em revistas científicas sobre este assunto. Entretanto, ainda que em número reduzido, as obras dos estudiosos dedicados ao trato teórico do turismo têm ecoado na academia, ganhando relevância nos debates realizados em eventos científicos da área, no campo educacional (graduação e pós-graduação) e nos documentos produzidos pelos alunos nos cursos *stricto sensu*, por exemplo.

Ocorre ainda que as pesquisas que se desdobram desde as diversas disciplinas com o objetivo de analisar ou fazer proposições “sobre” e “para” o turismo geralmente não se aprofundam nos aspectos conceituais do fenômeno. Portanto, há carência de textos científicos densos que expressem o amadurecimento intelectual a respeito de assuntos como teoria e epistemologia do turismo.

A construção teórica do turismo está necessariamente ligada à prática, ao mundo onde esse fenômeno se desenvolve. Por meio da teoria do turismo, busca-se a compreensão do que acontece no mundo turístico e tenta-se delinear um modelo explicativo deste complexo campo de estudo, compreendendo as relações dos turistas, dos negócios, das comunidades autóctones, do meio ambiente, do governo e do país, como um todo (Panosso Netto, 2011).

O turismo, ainda que não se defina como ciência em razão, principalmente, à indefinição de seu objeto de estudo, se insere na classificação das ciências sociais. Por se associar com o “homem enquanto ser relacionado, com si próprio, com os outros, com o seu entorno físico e biológico e com as entidades mentais”, que se distingue por sua consciência reflexiva, dotado de memória, imaginação e da construção de um mundo das ideias (Martins & Theóphilo, 2009, p. 2).

Há cerca de 20 anos, a produção em conhecimento do turismo, inclusive no Brasil, aumentou significativamente, contemplando variadas temáticas relacionadas à área. Entretanto, como comenta Panosso Netto (2011), as pesquisas produzidas acerca deste campo de estudo encontram-se desconectadas, o que impossibilita um avanço expressivo do debate e, conseqüentemente, afeta a construção de uma teoria do turismo mais significativa e consistente.

Destaca-se ainda que a construção das teorias filosóficas das pesquisas relacionadas ao turismo não tem sido amplamente estruturada, à medida que as publicações

acadêmicas na área utilizam quase que exclusivamente uma abordagem comercial e mercadológica. Para Hall (2000, p. 579) “a maioria das pesquisas nos periódicos de turismo implicitamente adota uma filosofia empírico-positivista, [...] desta forma, a construção da teoria é pobremente formulada”.

Esta ótica comercial e mercadológica de análise do turismo se reflete, por exemplo, no conceito formulado pelo órgão intergovernamental de maior expressividade mundial relacionado à área, a Organização Mundial de Turismo [OMT], que define o turismo como: “uma atividade de pessoas que viajam e permanecem em lugares fora do seu ambiente habitual por menos de um ano ou até um ano consecutivo, objetivando lazer, negócios e outras motivações” OMT (2003, p. 18).

Em contrapartida, na busca por uma visão mais analítica do fenômeno turístico, Tribe (2006b; 2009a) aponta para a realidade de uma nova pesquisa em turismo, compreendendo que os estudos sobre a atividade já têm se desenvolvido para além dos limites estreitos da área de negócios aplicada, ainda que estas pesquisas sejam incipientes e que este paradigma onde a atividade turística é interpretada por seu contexto econômico não tenha sido quebrado.

Em meio à evidência de que os horizontes da pesquisa em turismo estão se ampliando, autores contemporâneos buscam utilizar novas abordagens de análise do fenômeno, tendo em vista as anomalias, que se caracterizam como pré-requisitos para o surgimento da crise (Kuhn, 2000), apresentadas pelo paradigma teórico sistêmico vigente na atualidade. É nesta perspectiva que Tribe (1997a) destaca que a relevância da epistemologia do turismo se dá por dois motivos básicos: o auxílio na validação do conhecimento produzido na área; e a ajuda quanto à delimitação do campo de estudo do turismo.

Diante da construção epistemológica do turismo baseada nos autores de mais relevância mundial que investigam a área, o presente artigo buscou analisar as principais influências e contribuições para a teoria do turismo realizadas por Tribe, pesquisador do turismo desde a década de 1990. Tribe já publicou diversos livros e artigos indexados na área, a saber, *Annals of Tourism Research*; *Journal of Hospitality, Leisure, Sport & Tourism Education*; *Journal of Teaching in Travel & Tourism*; *Tourism Management*, entre outros, além de ser o autor de um modelo de criação do conhecimento em turismo amplamente difundido na Europa e no mundo (Barreto, 2007; Melo, 2009 & Nechar, 2011)

Diante do exposto, o presente artigo está estruturado da seguinte forma: após o detalhamento da metodologia adotada na presente pesquisa, expõe-se um tópico à cerca da formação acadêmica de John Tribe. Posteriormente, é feita uma análise das linhas de

pesquisa que influenciaram as contribuições feitas pelo referido autor para epistemologia e educação do turismo. Subsequentemente, detalha-se o modelo interdisciplinar de criação do conhecimento em turismo, que se caracteriza como principal contribuição do autor para a epistemologia do turismo. Em seguida são destacados os principais elementos analisados por Tribe ao longo de suas pesquisas sobre a educação do turismo, a saber: as tribos, territórios e redes do turismo. Para concluir, são tecidas as considerações finais, buscando instigar entre os estudiosos os debates a respeito de avanços na teoria do turismo.

2. METODOLOGIA

Quanto aos procedimentos metodológicos, este artigo se caracteriza como descritivo-exploratório. Descritivo ao passo que se buscou descrever o complexo fenômeno turístico, com o intuito de estabelecer parâmetro para a análise da formação epistemológica desta área do conhecimento (Dencker, 1998; Veal, 2011). Quanto ao caráter exploratório, foram utilizadas as seguintes técnicas: a pesquisa bibliográfica e eletrônica (Martins & Theóphilo, 2009) e a entrevista aprofundada (Dencker, 1998), realizada por email, no mês de junho de 2013, com o autor estudado pelos pesquisadores deste artigo.

As respostas obtidas por meio da referida entrevista se caracterizam como fonte primária de dados desta pesquisa. Já como fontes secundárias, destacam-se os artigos indexados e os livros publicados por Tribe, além de fazer uso de obras de outros autores que também analisam as contribuições do pesquisador investigado no contexto da construção da teoria do turismo.

Quanto ao objeto de estudo, o presente artigo se caracteriza como qualitativo, na medida em que se procurou analisar e interpretar os aspectos mais profundos do fenômeno turístico, a partir da observação da complexidade do comportamento humano (Marconi & Lakatos, 2004) defendidas por Tribe. O conteúdo advindo da coleta de dados foi interpretado a partir da análise de conteúdos, que de acordo com Franco (2005, pp. 27-28) “[...] pressupõe a comparação dos dados obtidos mediante discursos e símbolos, com os pressupostos teóricos de diferentes concepções de mundo, de indivíduo e de sociedade”.

3. FORMAÇÃO ACADÊMICA E PRINCIPAIS PUBLICAÇÕES DE JOHN TRIBE

John Tribe, autor britânico que é referência mundial em pesquisas sobre o turismo, se utiliza do campo das ciências sociais como fonte de saber e conhecimento para a elaboração de suas produções acadêmicas, nas quais se destacam principalmente os aspectos relacionados à epistemologia e à educação em turismo.

No início de sua formação acadêmica, Tribe se dedicou aos estudos da Economia, na Universidade de Londres no Reino Unido, com conclusão em 1974. Apesar da ciência econômica se constituir como uma área explorada e com bases sólidas, o autor não se firmou a ela. Em entrevista concedida aos pesquisadores deste artigo, Tribe declarou que a Economia não é sua área de grande afinidade devido ao distanciamento existente entre teoria e prática. Para ele, os estudos econômicos se concentram apenas em uma forma preestabelecida, sem grandes avanços e novas discussões (Tribe, 2013).

Por volta dos anos de 1990, Tribe retorna à Universidade de Londres para cursar mestrado em Administração em busca de respostas às suas inquietações. Seus pensamentos eram pautados no sistemismo e, conseqüentemente, sua corrente teórica seguia os argumentos utilizados por esta abordagem. É válido destacar que a abordagem sistêmica tem sua origem na teoria geral dos sistemas elaborada, a partir da biologia, por Bertalanffy (1901-1972). Trata-se de uma abordagem que, segundo Martins e Theóphilo (2009, p. 42):

[...] reconhece numa problemática de pesquisa a predominância do todo sobre as partes. Por isso, privilegia o estudo de seu objeto de forma globalizada, com ênfase nos aspectos estruturais e nas relações entre seus elementos constitutivos. [...] A ênfase dessa abordagem está na dinâmica da manutenção do sistema.

Nota-se que a formação acadêmica em Economia e, principalmente, em Administração possibilitou ao Tribe o despertar para a forte interdisciplinaridade com outras áreas, dentre elas o turismo. É justamente neste período que o autor inicia as suas publicações na área do turismo, tendo como foco central de suas análises as relações econômicas e de gestão voltadas para a atividade turística, como se pode observar, por exemplo, nas seguintes obras: o artigo *Core Skill: a Critical Examination* (1996a); o livro *Corporate Strategy for Tourism* (1996b); e o artigo *Tourism, Forestry and the Environment* (1997b). O Dr. John Tribe atuou, ainda durante este período, como professor de turismo e chefe de pesquisa da Faculdade de Lazer e Turismo em *Buckinghamshire New University*.

Fica evidente o decorrer de um largo período de tempo, cerca de 20 anos, entre a graduação em economia e o mestrado em administração do Dr. John Tribe. Isto se deve ao fato de seu descontentamento com as ciências econômicas, até a “descoberta” das ciências humanas, especificamente nas áreas de administração e turismo, que ocorre durante o período e publicação de uma de suas principais contribuições à formação do conhecimento em turismo: o artigo *The Indiscipline of Tourism* (1997a), que será detalhado mais a diante. Com isso, Tribe inicia o seu doutoramento, também na Universidade de Londres, na área de educação e turismo, concluindo-o em 1999 (Tribe, 2013). A partir de então, o autor aprofunda suas discussões sobre a epistemologia e a educação do turismo, como se pode perceber por meio dos seguintes artigos: *Indisciplined and Unsubstantiated* (2000); *Research Paradigms and the Tourism Curriculum* (2001).

Atualmente, Tribe é professor na Universidade de Surrey, no Reino Unido, onde ensina estratégia em turismo há mais de 10 anos. É co-presidente da *World Tourism Organization Education Council*; editor chefe da revista *Annals of Tourism Research*; presidente do *Editorial Board of Higher Education Academy Network Journal of Hospitality, Leisure Sport and Tourism Education*. Possui cerca de 35 artigos publicados, 6 livros, 17 capítulos de livros e 3 relatórios, nas áreas de administração, sustentabilidade, epistemologia, educação e lazer aplicadas ao turismo. Tais publicações se desenvolveram a partir da década de 1990 até os dias atuais e se relacionam de maneira direta com as formações acadêmicas do autor, com os cargos ocupados por este e com as suas áreas de interesse de pesquisa, a saber: sustentabilidade, epistemologia e educação do turismo, conforme demonstrado no Quadro 01, a seguir:

Quadro 01: Resumo das principais publicações do autor John Tribe

PERÍODO HISTÓRICO	PRINCIPAIS TEMÁTICAS	PRINCIPAIS OBRAS
Década 1990	Administração	<i>Corporate Strategy for Tourism</i>
	Epistemologia	<i>The Indiscipline of Tourism</i>
	Sustentabilidade	<i>Tourism, Forestry and the Environment</i>
<i>Sustainable tourism a marketing perspective</i>		
Década 2000	Epistemologia	<i>Indisciplined and unsubstantiated</i>
		<i>Research paradigms and the tourism curriculum</i>
		<i>The study of tourism: anthropological and sociological beginnings</i>
	Economia e Lazer	<i>Economia do lazer e do turismo</i>
		<i>The economics of recreation, leisure & tourism</i>
	<i>The economic impacts of tourism</i>	
Década 2010	Educação	<i>Developments in tourism social science</i>
		<i>Lifelong learning for tourism</i>
	Editoriais	<i>Annals of tourism research and article-based publishing</i>

		<i>Annals: 40-40 vision</i>
	Epistemologia	<i>Conceptual research in tourism</i>
		<i>Tribes, Territories and networks in the tourism academy</i>

Fonte: Elaboração própria, 2013.

Com essa divisão das principais publicações de Tribe relacionadas ao turismo, apresentada no Quadro 01, percebe-se que apenas durante a década de 1990 e parte da de 2000 o referido autor analisou os aspectos econômicos relacionados ao turismo. Observa-se ainda o destaque que o autor dá aos estudos da epistemologia e da educação em turismo, que se constituem como as suas principais contribuições. Sinalizam-se também algumas obras referentes à sustentabilidade, administração e lazer, ainda que de forma incipiente

4. PRINCIPAIS LINHAS DE PENSAMENTO DE TRIBE E SUAS INFLUÊNCIAS PARA A TEORIZAÇÃO DO TURISMO

Considerando a conjuntura evolutiva do pensamento de Tribe e suas influências e contribuições para a formação do conhecimento em turismo, observa-se que o autor centra seus interesses no estudo do homem, o homem pesquisador, incitado a refletir por meio de questionamentos e colocações. Segundo Platão (1967 *apud* Andery, 2007, p. 67) “o homem é a medida de todas as coisas, das que são enquanto são e das que não são enquanto não são”. O que muda não é o mundo, mas sim as concepções do homem sobre o mundo, que variam de acordo com a temporalidade.

Assim sendo, é possível traçar duas correntes de maior influência nos estudos do Dr. John Tribe sobre o turismo, a saber: a epistemologia e a educação em turismo. De acordo com Tribe (2013), três autores contribuíram de forma direta na construção de seus pensamentos: Ronald Barnett (1997) no que tange aos processos educacionais; Becher (1989; 2001) sobre culturas acadêmicas e Kuhn (2000) sobre questões paradigmáticas.

Na visão de John Tribe (1997) o turismo emerge do empirismo. Dessa forma, Martins e Theóphilo (2009, p. 39) vêm afirmar que “a ciência é vista como uma descrição dos fatos baseada em observações e experimentos que permitem estabelecer induções”, considerando a teoria científica como resultado que se constitui exclusivamente a partir desse processo. Entretanto, ainda de acordo com os autores (Martins & Theóphilo, 2009, p. 40), “diversos são os problemas metodológicos apontados em relação ao empirismo, sobretudo no que se refere às pesquisas em ciências sociais”.

As críticas feitas a esta abordagem metodológica se moldam nas seguintes análises: a indução como critério de demarcação científica acaba, muitas vezes, por distorcer a

realidade do fenômeno investigado; a ênfase nos estudos das superfícies observáveis do fenômeno nem sempre permitem ver aspectos mais complexos e subjetivos, que podem se caracterizar como de fundamental importância; além de não considerar as influências da interpretação do investigador nos resultados da pesquisa (Martins & Theóphilo, 2009).

Neste contexto, nota-se a importância de transcender aos aspectos mais evidentes do fenômeno turístico para elaboração de sua teorização, de maneira a contemplar os âmbitos qualitativos e subjetivos do turismo, estabelecendo um equilíbrio entre as realidades teóricas e a prática. Diante disto, destaca-se a função dos pesquisadores do turismo e das instituições de ensino superior para a reflexão dos elementos que constituem a área.

Autores como Barnett (1997), Becher (1989) e Becher e Trowler (2001), realizaram uma discussão sobre a função e a cultura das universidades em consonância com a natureza das disciplinas ofertadas. Os autores afirmam que num processo de globalização das economias e dos mercados de trabalho, as universidades, faculdades e departamentos veem ameaçados os seus modelos, no geral decorrentes de ideais iluministas, gerando duas reações extremas: ou se fecham para si, perdendo sua relevância; ou se abrem demasiado, perdendo sua essência e controle.

Barnett (1997), Becher (1989) e Becher e Trowler (2001), ainda comentam que não há mais uma “uni-versalidade” e sim uma “multi-versalidade”, uma vez que os conhecimentos já não se confinam aos limites físicos da universidade. Levando cada vez mais à manipulação dos interesses da sociedade, para daí retirar benefícios econômicos e se deixar enveredar nos jogos de poder, tanto no plano institucional como individual.

Percebe-se que as análises de Barnett, Becher e Trowler, sobre a realidade das instituições de ensino superior, contribuíram para a compreensão do Dr. John Tribe sobre a educação do turismo, bem como exposto nas citações destacadas no Quadro 02, a seguir:

Quadro 02: Educação em turismo para o Dr. John Tribe

<p>“[...] a educação em turismo sofre interferências de diversas áreas, variando proporcionalmente, onde dentro de um modelo interdisciplinar do conhecimento em turismo existe a educação em turismo que é distinta da prática.” (Tribe, 1997a)</p>
<p>“É claro que o fenômeno do turismo não restringe apenas ao que está ligado com o ato de viajar e, portanto, deve-se tomar cuidado com definições que podem levar a exclusões. Uma vez que o referido fenômeno engloba: o que se relaciona com o turista (incluindo motivação, escolha, satisfação, interação); com negócios (incluindo marketing, organização e planejamento do transporte, hospitalidade e recreação); com a comunidade autóctone (incluindo as percepções dos impactos econômicos, sociais culturais); com o meio ambiente (incluindo os impactos ambientais); com o governo (incluindo a mensuração em turismo, política e planejamento); e com o país de maneira geral (os aspectos econômicos, ambientais e culturais).” (Tribe, 1997a)</p>
<p>“Existe uma postura crítica em relação ao conhecimento em turismo e ênfase o fato de que a pesquisa é conduzida em um mundo onde já existem linguagem, conceitos e regras disciplinares, bem formadas. Estes não são universais, mas variam no tempo e no lugar para que diferentes conjuntos culturais sustentem formas diferentes para a verdade e o conhecimento.” (Tribe, 2006b)</p>

Fonte: Elaboração própria, 2013.

Interpreta-se, a partir das citações do Quadro 02, que o Dr. John Tribe considera que a construção da educação em turismo ainda está em constante estado de mudança, ressaltando a sua interdisciplinaridade, ausentando aprofundamento e maturidade em suas pesquisas.

Adentrando em outra linha de pensamento explorada pelo Dr. John Tribe, a epistemologia do turismo, analisa-se, no Quadro 03 a seguir, o que o autor compreende sobre a importância da epistemologia aplicada ao turismo e sobre a constituição do turismo como campo de estudo.

Quadro 03: Epistemologia do turismo para o Dr. John Tribe

<p>“A epistemologia do turismo indaga, portanto, sobre o caráter do conhecimento, as fontes de conhecimento, a validade e a confiabilidade das reivindicações de conhecimento do mundo externo ao turismo, a utilização de conceitos, os limites de estudos do turismo, bem como a categorização dos estudos de turismo como uma disciplina ou um campo.” (Tribe, 1997a)</p>
<p>“O turismo não está em um paradigma, talvez porque o conceito de paradigma esteja presente em ciências mais maduras. O conhecimento do turismo é muito novo e o fato de se basear em diferentes disciplinas faz este processo mais difícil.” (Tribe, 2010)</p>
<p>“[...] falta uma postura crítica em relação ao conhecimento, uma vez que a pesquisa é conduzida em um mundo onde já existe linguagem, conceitos e regras disciplinares, bem formadas.” (Tribe, 2006)</p>

Fonte: Elaboração própria, 2013.

É perceptível que Tribe se utiliza dos pensamentos do autor Thomas Kuhn, principalmente, da obra “A Estrutura das Revoluções Científicas”, para tratar da epistemologia do turismo. Segundo Tribe (1997, p. 656):

[...] a pesquisa para o turismo como uma disciplina [ciência] deve ser abandonada. É um sinal de nostalgia (vontade depois de um conceito excessivamente idealizado) e insegurança (falta de auto-confiança acadêmica) e envolveria uma fundição desnecessária de peças importantes do estudo do turismo na busca de uma coerência conceitual e de uma consistência lógica. Parece provável que os estudos de turismo se mantenham na fase pré-paradigmática (Kuhn, 1962), mas esta não deve ser vista

como um problema. Ao contrário, os estudos de turismo devem reconhecer e celebrar a sua diversidade.

Neste sentido, apreende-se que as principais contribuições de Tribe na área do turismo estão envolvidas pelo discurso da educação do turismo, que se encontra incipiente e fragilizada; e na epistemologia do turismo, buscando a episteme do turismo, com interferências de diversos autores, sinalizando a discussão para a interdisciplinaridade e a indisciplinaridade do turismo.

5. MODELO INTERDISCIPLINAR DE CRIAÇÃO DO CONHECIMENTO EM TURISMO

A fim de contribuir para a epistemologia do turismo, o artigo *The Indiscipline of Tourism* (Tribe, 1997a) expõe uma análise crítica que rejeita a ideia de que os estudos do turismo se inserem no contexto de uma disciplina ou ciência, alegando que a melhor maneira de interpretar o turismo seria considerando-o como um campo de estudo. Baseando-se em Hirst (1965), John Tribe parte do princípio de que uma disciplina se caracteriza como um conjunto de ferramentas conceituais, conhecimentos adquiridos e metodologias que é utilizado para iluminar verdades particulares de um mundo externo. Em contrapartida, o campo de estudo se concentra em um fenômeno ou práticas particulares, recorrendo a um determinado número de disciplinas para investigar e explicar uma área de interesse.

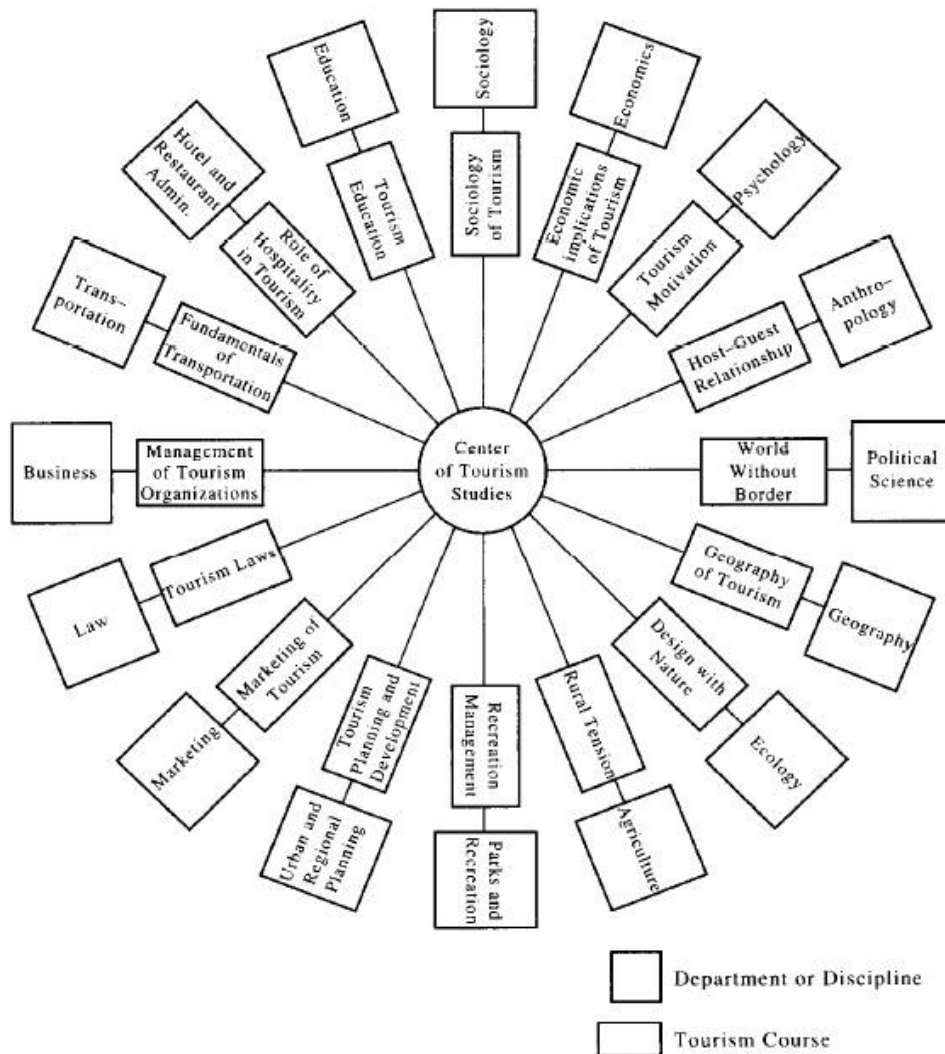
Nesta perspectiva, Tribe (1997a,p. 648), comenta que Jafar Jafari e Ritchie (1981) “apresentaram um modelo de estudos de turismo como um campo. Este modelo ajuda a ilustrar o caráter multidisciplinar de estudos do turismo. Mas, à luz da obra de Hirst sobre a natureza das disciplinas, e por outros motivos, várias modificações são propostas”.

A teoria de Jafari e Ritchie (1981), que se expressa no modelo de produção do conhecimento em turismo elaborado por Jafar Jafari, ilustrado na Figura 01 a seguir, coloca o estudo do turismo como o centro de discussão, situado em um departamento de turismo na universidade, que está envolto por disciplinas emanadas de outros departamentos que auxiliariam e contribuiriam com suas análises sobre a interpretação do fenômeno turístico (Panosso Netto & Lohmann, 2008).

É a partir da análise deste modelo, demonstrado por Jafari e Ritchie (1981), que Tribe identifica algumas limitações e sugere aperfeiçoamentos ao modelo dos autores por apresentarem uma confusão entre disciplinas e departamentos, à medida que são colocadas em um mesmo patamar disciplinas como sociologia, economia e psicologia, paralelamente a

alguns objetos de estudo como parques e recreação, transporte e educação. De acordo com Panosso Netto (2011, p. 107), a crítica feita por Tribe, como relação ao modelo de Jafari e Ritchie faz sentido, “pois essa mistura de departamentos causa confusão na compreensão do modelo explicativo proposto”.

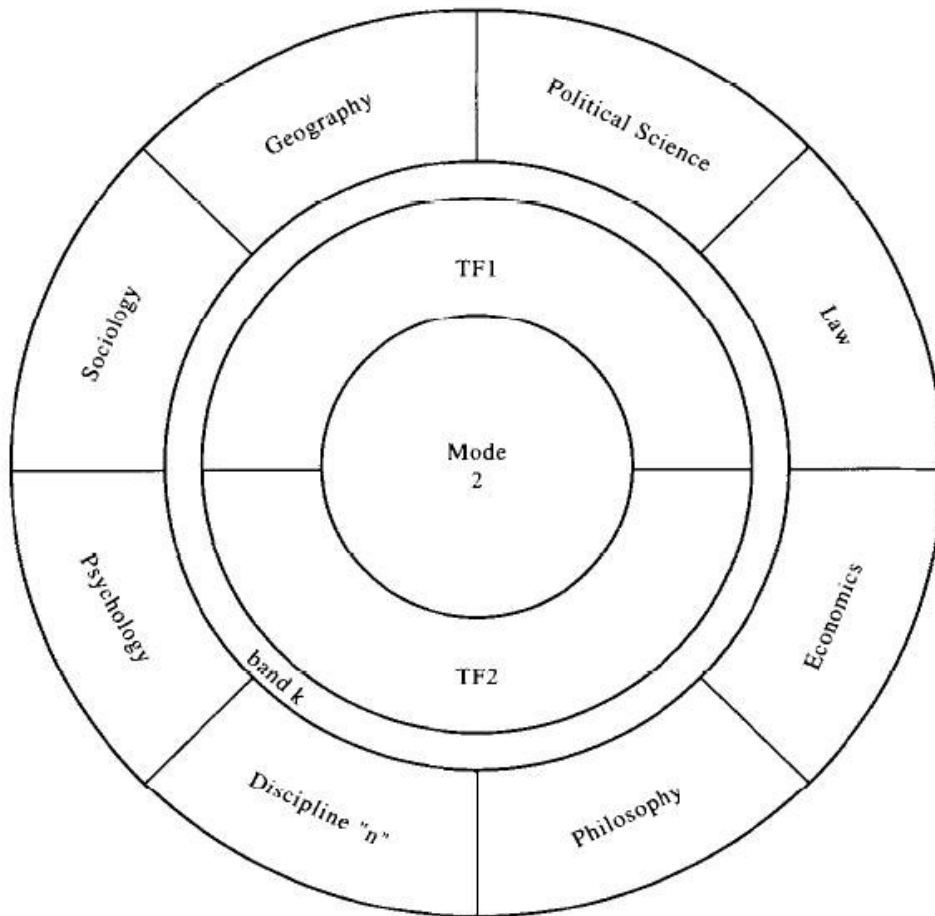
Figura 01: Modelo de produção do conhecimento em turismo de Jafar Jafari



Fonte: Jafari, 2005.

A fim de superar tais limitações, Tribe propôs um novo modelo interdisciplinar de criação do conhecimento em turismo, ilustrado na Figura 02 a seguir. Para o autor, existem dois campos de estudo do turismo nitidamente definidos, a saber: o campo dos aspectos comerciais do turismo, incluindo a comercialização do turismo, as estratégias empresariais do turismo, as leis do turismo e a gestão do turismo; e o campo dos aspectos não-comerciais do turismo, incluindo áreas como impactos ambientais, percepções do turismo, capacidade de carga e impactos sociais (Tribe, 1997a).

Figura 02: Modelo de criação do conhecimento em turismo de John Tribe



Fonte: Tribe, 1997a, p. 650.

Entende-se que o autor trata de dois modos de produção do conhecimento em turismo: aquele produzido pela ciência, primeiramente em um contexto acadêmico; e aquele que corresponde a uma nova forma de conhecimento, que se dá nas empresas, no governo, nos grupos de interesses, nas consultorias e nos institutos de pesquisa (Lohmann & Panosso Netto, 2008).

No círculo de fora aos campos de estudo do turismo, ou seja, dos problemas a serem estudados na área, estão as disciplinas ou ciências, com os seus métodos de pesquisa, oferecendo as ferramentas de abordagem do turismo. Dessa forma, como comenta Panosso Netto (2011, p. 107), “não ocorreria o nivelamento entre áreas de turismo de diferentes níveis científicos”.

Entre o círculo de fora e o círculo do meio há uma área onde o conhecimento do turismo é criado, denominada de Banda k. Segundo Tribe (1997a, p. 651), em um primeiro

momento esta zona de purificação corresponderia a um nível mais simples de criação do conhecimento, representando a interface entre as disciplinas e os campos de turismo. “Epistemologicamente falando, cada disciplina fornece a metodologia para justificar reivindicações de conhecimento”.

No entanto, a Banda k não representa apenas uma atividade multidisciplinar. Esta área pode ainda representar um lugar onde disciplinas interagem uma com a outra no domínio do turismo, se constituindo como uma área poderosa para a geração de novas formas de analisar o mundo externo ao turismo. Segundo Tribe (1997,p. 651), “esta combinação de ferramentas disciplinares para a criação de novas perspectivas sobre o mundo externo do turismo representa uma abordagem interdisciplinar”.

Pode-se dizer, portanto, que é na perspectiva da Banda k que o modelo elaborado por John Tribe (1997a) se caracteriza como uma abordagem interdisciplinar do estudo do turismo. Entretanto, Jafari e Ritchie (1981) já sinalizavam que a melhor maneira de estudar o turismo seria a abordagem transdisciplinar e não interdisciplinar, tendo em vista que essa se constitui como a mais profunda integração que pode ocorrer entre as disciplinas que buscam responder aos questionamentos de uma determinada área de estudo, apesar de ser mais complexa e de difícil aplicabilidade.

Neste contexto, outros autores contemporâneos que contribuem para teoria do fenômeno turístico, como Sonaglio (2006; 2013), sugerem adoção de uma abordagem transdisciplinar para o turismo, acreditando que esta análise permite perceber e olhar “entre”, “através” e “além” do turismo e das disciplinas que auxiliam a formação do seu conhecimento, identificando, conceituando e teorizando os aspectos dessa realidade.

Para Sonaglio (2013,p. 205), a adoção de um paradigma transdisciplinar para o turismo “caracteriza-se pela transcendência aos limites do escopo disciplinar ao qual se amarra a ciência atual, donde emergiu a base sistêmica que dá contexto aos estudos, interpretações e ações atuais no âmbito do turismo”. Destarte, a sugestão de uma abordagem transdisciplinar para a análise teórica o fenômeno turístico, por exemplo, sugere a existência das mencionadas imperfeições no modelo interdisciplinar de John Tribe, apesar de sua relevância e contribuições para a epistemologia do turismo.

6. TRIBOS, TERRITÓRIOS E REDES PARA O DR. JOHN TRIBE

Contribuindo para a construção teórica do turismo, Tribe tece algumas considerações para o campo educacional do turismo, tentando definir esta conjuntura que ao longo do tempo tem impossibilitado grandes avanços na construção do turismo como ciência. Para o autor, uma vez identificadas as lacunas, os silêncios e mis-construções¹ no campo de estudo do turismo, poderiam ocorrer rupturas e então avanços científicos na área (Tribe, 2006b).

Nesta perspectiva, referenciando Becher (1989) e Becher e Trowler (2001), Tribe (2010?) define como parte do contexto educacional do turismo: as tribos e os territórios acadêmicos. Entende-se o território como as propriedades epistemológicas que incidem sobre a natureza e estrutura do campo de conhecimento; e as tribos como os aspectos das comunidades de conhecimento. Busca-se, dessa forma, delimitar aspectos que de certo modo impediram e continuam a impedir a teorização do turismo. Em uma terceira etapa, complementando as contribuições de Becher (1989), Becher e Trowler (2001) e Tribe (2010) acrescenta ainda a conjuntura das redes em turismo, trabalhadas por meio da teoria de atores-redes, ou seja, o papel do sujeito na formação das redes do conhecimento epistemológico do turismo.

Para a compreensão dos territórios do turismo, alguns aspectos destacados por Tribe (2010) serão analisados adiante, como: a disciplinaridade; o conteúdo do campo de turismo (o seu cânone); a fundamentação do campo de conhecimento (paradigmas); e o seu modo de pesquisa.

Para a análise da dimensão disciplinar, Tribe (2005, p.1) afirma que “a totalidade de estudos de turismo já se desenvolveu para além dos limites estritos de uma área de negócios aplicada e tem as características de um campo pós-moderno incipiente de investigação”. Acrescentando ainda que o turismo se caracteriza como um campo de estudo. O que vem a corroborar com as afirmações de Goodson e Philimore (2004, p. 41) quando dizem que “os horizontes da pesquisa em turismo estão se ampliando”. Sobre tais aspectos,

¹ Ao utilizar o termo „mis-construções“ [*mis-constructions*], Tribe (2006, p.1) busca criticar o modelo de produção do conhecimento em turismo onde os pesquisadores se veem como „leões na selva“ [*lions in the jungle*], descobrindo e desbravando novos terrenos. Na verdade, para o autor, a pesquisa em turismo é conduzida em um terreno onde já existe linguagem, conceitos e regras formadas. Semelhante crítica realiza Panosso Netto, Nogueiro e Jager (2011) ao perceberem a carência de referência aos estudos clássicos do turismo que remontam a década de 1930, e até mesmo estudos anteriores à este período, não considerando os tempos históricos.

Smith (1998) destaca que a pós-disciplinaridade requer abordagens mais flexíveis e criativas para definir e investigar objetos.

A partir da interpretação do turismo como um campo de estudo interdisciplinar, compreende-se que o modo de estudo deste fenômeno se utiliza de teorias puras de outras disciplinas para aplicá-las em fatores específicos de análise do turismo. Sobre esta temática, Panosso Netto (2011, p. 23) comenta que esta carência metodológica reflete no posicionamento dos cânones no turismo, onde no campo epistemológico pode ser definido em três correntes de pensamentos, a saber:

A primeira diz que o turismo não é uma ciência, mas está trilhando o caminho para tornar-se uma, pois está passando pelas mesmas fases de outras ciências que surgiram no início do século XX, como a Antropologia e a Etnografia. A segunda corrente diz que o turismo não é e nunca será uma ciência, pois se constitui apenas de uma atividade humana, e é auxiliado pelas ciências em seus estudos. [...] O terceiro grupo de pesquisadores diz que o turismo é uma ciência por possuir um corpo teórico maduro e relativamente grande; todavia, esses pesquisadores ainda não conseguiram comprovar esta afirmação por meio de seus estudos.

Os cânones do turismo, também, não conseguem abordar todos os aspectos do turismo e são fortemente “dependentes do poder de quem manda, de sua contextualização espacial e temporal e das práticas sociais que sustentam sua posição e autoridade” (Tribe, 2006b, p. 13). Assim, enquanto os pesquisadores individuais tentam dizer a verdade sobre o turismo, coletivamente eles não contam toda a verdade ou mesmo nada além da verdade, gerando diferentes abordagens e perspectivas do turismo.

Destarte, Tribe (2010, p. 30) comenta que “no turismo o ecletismo é possível porque não é regido por nenhum paradigma”. Baseado em Kuhn (2000: 13), Tribe (2010) entende um paradigma como um conjunto de regras que regem o que deve ser investigado pela comunidade acadêmica do turismo e como os elementos investigados devem ser apresentados e conduzidos. Para o autor, diante de um paradigma deveriam ser observados elementos metodológicos próprios do turismo, além de se fazer necessário a delimitação de um objeto de estudo para o fenômeno. Tais fatos acabariam por restringir as pesquisas em turismo.

Diante destas reflexões, compreende-se que na visão de Tribe (2010) o território acadêmico do turismo continua a ser um campo de estudo fragmentado e multidisciplinar, tese defendida anteriormente no artigo *The Indiscipline of Tourism* (Tribe, 1997a). A segunda análise utilizada pelo Dr. John Tribe para a compreensão do conhecimento epistemológico do turismo é a interpretação das tribos acadêmicas, que se centra, especialmente, nas práticas culturais dos acadêmicos e na construção social do conhecimento.

Barnett (1997), Becher (1989) e Becher e Trowler (2001), estudaram o papel institucional das universidades e desafiaram a noção de conhecimento, baseados no fato de que o institucionalismo universitário descreve os processos pelos quais as normas são estabelecidas para novas áreas de estudos, como o turismo. Partindo desse pressuposto, Tribe (2006b) vem definir as tribos em turismo como sendo as próprias instituições universitárias. Segundo o autor, estas estruturas “têm o imenso poder, através de fundos de investimento, de encurralar pesquisas para estratégias específicas” (Tribe, 2006b, pp. 371-372).

Ainda de acordo com Tribe (2006b), este panorama vem a influenciar diretamente na liberdade acadêmica, interferindo nas decisões dos pesquisadores de duas maneiras: a) na limitação em publicações em algumas revistas científicas; e b) no estímulo a não encontrar a verdade, influenciando os pesquisadores a mudar os interesses de pesquisa para uma área mais comercializável de investigação, a partir do qual poderão adquirir status e retorno financeiro.

Na perspectiva de análise das limitações acadêmicas, Tribe (2010) menciona ainda os aspectos culturais das instituições (especialmente clãs e anciões) e em termos mais amplos da sociedade cultural sobre seus conhecimentos do turismo. Na visão do autor, identifica-se a presença de “colégios invisíveis” (Tribe, 2010, p. 18) na produção do conhecimento em turismo, onde os clãs e anciões da área realizam pesquisas, mas são considerados transparentes, pela pouca visibilidade. No entanto, por questões de “gênero, raça, classe, valores e localização geográfica” a comunidade acadêmica é direcionada para onde os interesses institucionais vinculam seus olhares (Tribe, 2010, p. 21).

Analisa-se que, com base na conceituação das tribos e territórios do conhecimento em turismo, Tribe buscou invocar conceitos como a pós-disciplinaridade, o discurso, a vigilância, as tradições, performatividade e colégios invisíveis, sinalizando sua discussão sobre o que constitui as redes de conhecimento em turismo.

No contexto de redes, para Castells (2003, p. 67) o mundo passa a ser organizado em redes, sejam redes de amizades, redes de entretenimento, redes de conhecimento, entre outras. Para ele “um novo paradigma se organiza” e quem não se encontrar nesta lógica será excluído. Corroborando com tal afirmação, Tribe (2010) identifica que a rede em turismo é relativamente fragmentada, definindo duas redes antagônicas: o turismo enquanto ciências sociais e o turismo do mundo mercadológico, que convergem para o surgimento de uma terceira rede: a rede do turismo crítico, que pouco dialoga com as outras redes.

Nesse processo de construção das redes existem pontos de passagem obrigatórios, identificados por Tribe (2010) como reflexos do poder institucional. Primeiro, os

pesquisadores precisam escrever livros, que de acordo com Barnett (2001, como citado em Tribe, 2010, p. 26) estas “inscrições servem para forjar e alargar as redes” de conhecimento em turismo. Segundo, carecem de publicações demasiadas em revistas indexadas. Terceiro e último, a contribuição de um idioma (principalmente o inglês) é crucial para o conhecimento de cânones na área desejada, se constituindo como uma barreira para alguns autores. Conseqüentemente, observa-se que na maioria das vezes a bibliografia do turismo limita-se as percepções ocidentais.

É importante destacar que o fato de trilhar todas estas etapas não é um pré-requisito que confirma a participação do pesquisador nas redes em turismo. Conforme abordou Tribe (2010), em muitos casos, as redes em turismo são marcadas pela “performatividade”. Desta forma, nota-se que estas considerações sobre a rede de turismo apresentam um quadro macro deste campo de estudo, apresentando os pontos fortes e sinalizando novos horizontes. Paradoxalmente, a análise de Tribe também permitiu, no quadro micro, identificar indivíduos marginalizados que são limitados pela ausência de liberdade de investigação.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda que o turismo não se defina como ciência, o estudo da formação do conhecimento na área tem ganhado destaque ao longo das duas últimas décadas. Cabe aos pesquisadores do fenômeno turístico aprofundar suas reflexões acadêmicas no intuito de identificar um objeto de estudo e métodos de pesquisa que caracterizem propriamente esse campo de estudo. Dessa maneira, o turismo poderia pleitear o reconhecimento como uma ciência, saindo da fase das escolas teóricas pré-paradigmáticas e se constituindo em uma disciplina, de acordo com o modelo Kuhniano.

Este debate sobre o turismo se constituir ou não como uma ciência, se divide em três correntes de pensamento, segundo Panosso Netto e Lohmann (2008). Seriam estas: a de que o turismo já pode ser considerado como uma ciência, pois já se possui um corpo teórico maduro e relativamente grande; a de que o turismo está caminhando para ser considerado uma ciência, por estar passando pelas mesmas fases que outras disciplinas já passaram antes de se constituírem como ciência; e a de que o turismo não é e nunca será uma ciência, por se caracterizar apenas como uma atividade humana, que necessita do auxílio de outras disciplinas para o seu estudo.

Esta última corrente de pensamento da epistemologia do turismo, a de que o fenômeno turístico não é e nunca será uma ciência, é a defendida por autores como Tribe, investigado no presente artigo. Para Tribe (1997a), que se baseia em Thomas Kuhn, a busca por uma coerência conceitual e uma consistência lógica para que o turismo viesse a se constituir como ciência, acabaria por limitar a investigação de alguns temas estudados sobre o fenômeno, por um lado, e por impossibilitar a pesquisa de outras áreas de relevância indireta para o turismo, por outro lado.

Envolto por esta visão, Tribe trouxe relevantes contribuições para a epistemologia e a educação aplicadas ao turismo. Destaca-se como sua principal contribuição para a epistemologia o modelo de criação do conhecimento na área, apresentando uma abordagem interdisciplinar entre o turismo e as demais ciências e destacando a formação do conhecimento a partir de dois campos de estudo, o da teoria e o da prática. Quanto a principal contribuição para a educação em turismo, evidenciam-se as reflexões a cerca das tribos, dos territórios e das redes que compõem o universo acadêmico do turismo.

Os estudos do Dr. John Tribe acerca do turismo foram amplamente divulgados no Brasil e no mundo e conquistaram diversos seguidores do universo acadêmico. Por suas análises interdisciplinares sobre a formação do conhecimento em turismo, o autor acabou por romper as barreiras do sistemismo e se inserir na fase teórica paradigmática das novas abordagens (Panosso Netto, 2011), fugindo ainda das interpretações meramente comerciais e mercadológicas do fenômeno turístico, que já haviam se firmado em um período teórico anterior.

Entretanto, diante do contexto de novas análises feitas por autores contemporâneos sobre a epistemologia do turismo, nota-se que uma abordagem interdisciplinar já não satisfaz a interpretação do complexo fenômeno turístico. Estudos já sinalizavam e sinalizam que a melhor abordagem para a compreensão do turismo seria a transdisciplinar e não a interdisciplinar, já outros apontam para os caminhos da fenomenologia, a fim de transcender e aprofundar os debates sobre o tema do turismo.

O fato é que ainda que sejam sugeridos aperfeiçoamentos à teoria de Tribe, de modo geral a sua obra surge como referência fundamental quando o tema é epistemologia e educação em turismo. O autor faz importantes reflexões a cerca do fenômeno turístico, servindo como base até mesmo dos autores contemporâneos que sugerem novas abordagens para a área.

REFERÊNCIAS

- Andery, M. A. P. A. Et al (2007). *Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Barreto, M. (2007). The (In)Discipline of Tourism. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*. 1(2), 184-189.
- Barnett, R. (1997). *Higher education: A Critical Business*. Open University, Press: SRHE.
- Becher, Tony. (1989). *Academic tribes and territories*. Philadelphia.
- Becher, T.; Trowler, P. (2001). *Academic tribes and territories*. (2a ed). Buckingham: Open University Press.
- Bertalanffy, L. Von. (1963). *Teoria dos sistemas*. Berlim: Aduaneira.
- Castells, Manuel. (2003). *A sociedade em rede*. (7a ed.). (Vol.1). São Paulo: Paz e Terra. 2003
- Cuffy, V.; Tribe, J.; Airey, D. (2012). Lifelong learning for tourism. *Annals of Tourism Research*. 39 (3), 1402-1424.
- Dencker, A.F. M. (1998). *Métodos e técnicas de pesquisa em turismo*. São Paulo: Futura.
- Franco, M. L. P. B. (2005). *Análise do conteúdo*. Série Pesquisa. (2a ed.) Brasília: Líber Livro.
- Goodson, L., Phillimore, J.(2004). The inquiry paradigm. In: Goodson, L., Phillimore, J. (Eds.), *Qualitative research in tourism: ontologies, epistemologies and methodologies* London: Routledge.
- Hall, C. M. (2000). Theory. In: Jafari, Jafar (Ed.). *Encyclopedia of tourism*. Nova York: Routledge.
- Hirst, P. (1965). Liberal Education and the Nature of Knowledge. In: *Philosophical Analysis and Education* (pp. 113-140) Henley: Routledge & Kegan Paul.
- Jafari, Jafar. (2005). *Tourism research: revamping old challenges for integrative paradigms*. En: Congreso Nacional y i Internacional de Investigación Turística. Anales... Guadalajara: Secretaria de Turismo del Gobierno.VII.
- Jafari, Jafar; Ritchie, J. R. Brent. (1981). Toward a framework for tourism education: problems and prospects. *Annals of Tourism Research*, 8 (1), 13-34.
- Kunh, Thomas S. (2000). *A estrutura das revoluções científicas*. (B. V. Boeira e N. Boeira, Trad.). São Paulo: Perspectiva.
- Marconi, M. A., Lakatos, E. M. (2004). *Metodologia Científica*. São Paulo: Atlas.

Martins, G.A., Theóphilo, C. R. (2009). *Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas*. (2a ed.). São Paulo: Atlas.

Melo, E. S. O. (2009). Aprofundando o olhar do turista: considerações acerca de suas determinantes sociais. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*. 3(2), 71-94.

Nechar, M. C. (2011). Epistemología crítica del turismo ¿qué es eso?. *Turismo em Análise*. 22 (3), 516-538.

Panosso Netto, Alexandre.(2011). *Filosofia do Turismo: teoria e epistemologia*. (2a ed.). São Paulo: Aleph.

Panosso Netto, Alexandre; Lohmann, Guilherme. (2008). *Teoria do Turismo: conceitos, modelos e sistemas*. São Paulo: Aleph.

Panosso Netto, A., Noguero, F. T., Jager, M. (2011). Por uma Visão Crítica nos Estudos Turísticos. *Turismo em Análise*. 22 (3): 539 – 560.

Smith, M. (1998). *Social science in question*. Towards a post-disciplinary framework. London: Sage.

Sonaglio, Kerlei Enele. (2006). *A transdisciplinaridade no processo de planejamento e gestão do ecoturismo em Unidades de Conservação*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina -UFSC, Florianópolis, SC, Brasil. .

Sonaglio, Kerlei Enele. (2013). Transdisciplinar o turismo: um ensaio sobre a base paradigmática making. *Pasos revista de turismo y patrimonio cultural*, 11 (1), 205-216.

Tribe, John. (1996a). Core skills: a critical examination. *Educational Review*, 48 (1), 13-27.

Tribe, John. (1996b). *Corporate strategy for tourism*. Cengage Learning EMEA.

Tribe, John. (1997a). The indiscipline of tourism. *Annals of Tourism Research*, 24 (3), 638-657.

Tribe, John. (1997b). Tourfor: tourism, forestry and the environment. *Canadian Institute of Forestry*. Forestry Chronicle, 73 (6), 663-663.

Tribe, John. (1999). Sustainable tourism: a marketing perspective. *Tourism Management*, 20 (3), 375-377.

Tribe, John. (2000). Indisciplined and unsubstantiated. *Annals of Tourism Research*, 27 (3), 809-813.

Tribe, John. (2001). Research paradigms and the tourism curriculum. *Journal of Travel Research*, 39 (4), 442-448.

Tribe, John. (2003). *Economia do lazer e do turismo*. (2a ed.). São Paulo: Manole.

Tribe, John.(2005). *The economics of recreation, leisure and tourism*. Butterworth-Heinemann.

Tribe, John. (2006a). The economic impacts of tourism. In: Beech, J.; Chadwick, S. (Eds.). *The business of tourism management*. Pearson Education.

Tribe, John. (2006b). The truth about Tourism. *Annals of Tourism Research*, 33 (2), 360-381.

Tribe, John. (2009a) . *Philosophical issues in tourism*. Bristol: Channel View.

Tribe, John. (2009b). The study of tourism: anthropological and sociological beginnings. *Tourism Management*, 30 (1), 142-143.

Tribe, John. (2010). Tribes, territories and networks in the tourism academy. *Annals of Tourism Research*, 37 (1), 7-33.

Tribe, John. (2012). Annals of tourism research and article-based publishing. *Annals of Tourism Research*, 39 (2), 527-527.

Tribe, John; Xiao, H. (2011). Developments in tourism social science. *Annals of Tourism Research*, 38 (1), 7-26.

Veal, Anthony. (2011). *Metodologia de pesquisa em lazer e turismo*.(G. Guerra e M. Aldrigui,Trad.). São Paulo: Aleph.

Xiao, H. S. Tribe, J., Chambers, D. (2013). Annals: 40-40 vision. *Annals of Tourism Research*, 40 (1),352-385.

Xin, S. Tribe, J.; Chambers, D. (2013). Conceptual research in tourism. *Annals of Tourism Research*, 41, 66-88.